



LITERACIAS E JUVENTUDES: COMPETÊNCIAS SOCIOCULTURAIS PARA O SÉCULO XXI*

LITERACIES AND YOUTH: SOCIOCULTURAL SKILLS FOR THE 21ST CENTURY

Rômulo Oliveira Tondo ¹

RESUMO

A vida contemporânea na sociedade em rede provoca adaptações na maneira com que os sujeitos interagem, consomem, criam e compartilham informações. Este texto é uma reflexão inicial sobre o conceito de literacia e seus desdobramentos: informacional, midiático e digital, utilizando-se da pesquisa bibliográfica como principal método. Em um segundo momento, é realizado uma exemplificação de aplicação da literacia digital a partir de um aplicativo do Governo Brasileiro e da Unicef, no enfrentamento das violências, e do site da SaferNet. A partir deste diálogo acredita-se as literacias sejam formas de compreender e incorporar diferentes competências para leituras de mundo.

Palavras-chave: Comunicação; Consumo; Internet; Juventudes; Literacia;

ABSTRACT

Contemporary life in networked society causes adaptations in the way subjects interact, consume, create, and share information. This text is an initial reflection on the concept of literacy and its unfolding: informational, mediatic and digital, using bibliographical research as the main method. In a second moment, an example of the application of digital literacy is carried out from an application of the Brazilian Government and Unicef, in the fight against violence, and from the SaferNet website. From this dialogue it is believed that literacies are different ways of understanding and incorporating skills for world readings.

Keywords: Communication; Consumption; Internet; Youths; Literacy;

INTRODUÇÃO

As transformações ocorridas nas três últimas décadas fizeram com que os sujeitos adaptassem suas dinâmicas sociais em razão de uma série de novidades no campo tecnológico e informacional, especialmente pela introdução das tecnologias digitais que

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

¹ Doutorando em Comunicação (PPGCOM) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).



adentraram em suas rotinas. Neste cenário, Castells² descreveu como a Sociedade em Rede intensificou os processos sociais, econômicos e culturais dos sujeitos.

Já no início do século XXI houve uma intensificação do consumo da internet permitindo com que os sujeitos desenvolvessem competências para os usos e as apropriações das tecnologias digitais que emergiam com as diferentes fases da web. Tais competências permitiram com que os usuários construam relações com os objetos tecnológicos, bem como uma forma de estar no ciberespaço, que amplia suas referências de contato com o outro. Este estudo justifica-se e complementa um dos principais cenários apresentados na Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD), desenvolvida pela Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), referente ao comportamento do brasileiro diante do consumo de tecnologias da informação e comunicação. De acordo com essa publicação, a maneira como os brasileiros consomem as tecnologias digitais tem mudado gradativamente, passando por transformações devido ao acesso à internet, passando a aderir ao perfil global de consumo em rede³.

Sendo assim, este texto tem como objetivo desenvolver uma revisão bibliográfica sobre literacia. Optamos neste momento pela compreensão do conceito, bem como de seus desdobramentos e competências necessárias para os sujeitos construírem suas dinâmicas quanto a à literacia informacional, literacia midiática e literacia digital. Evidenciamos que a literacia digital tornou-se imprescindível para a construção e manutenção das relações em rede, especialmente no que constitui as competências das quais os sujeitos usuários devem possuir para consumir a partir deste meio. Na sequência, problematizaremos a construção da juventude enquanto uma categoria social a partir de Bourdieu⁴ e do Estatuto da Juventude, bem como os riscos exponenciais da sociabilidade juvenil diante das diferentes ferramentas e tecnologias da informação e comunicação, especialmente nos sites de redes sociais e aplicativos de comunicação, que potencializam a sociabilidade juvenil em dinâmicas de “conversações fluidas”⁵.

² CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Trad.: Roneide Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

³ BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2016 (PNAD TIC)*, Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

⁴ BOURDIEU, Pierre. A “Juventude” é apenas uma palavra. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

⁵ PRIMO, Alex e outros. Conversações fluidas na cibercultura. *Rev Famecos*. Porto Alegre, v. 24, n. 1, jan/abr de 2017. p.1-27.



1 COMPETÊNCIAS PARA A VIDA COTIDIANA CONTEMPORÂNEA

A vida em sociedade sempre necessitou que os sujeitos adquirissem formas de estar e conviver na sociedade. Para o filósofo Jürgen Habermas, em sua obra *Mudança estrutural da esfera pública* realiza um panorama histórico para compreender como foi desenvolvido a prática social levando em consideração as esferas públicas, privadas e íntimas da Grécia Antiga à contemporaneidade. Nesta perspectiva, esse autor sinaliza que a esfera pública refere-se ao espaço comum dos cidadãos livres, que permite a discussão e a tomada das decisões sociais e culturais de seu tempo. Já o espaço privado foi construído a partir da lógica do âmbito doméstico, e do familiar⁶.

A partir da lógica do público e do privado de Habermas, atrelamos a perspectiva de Roger Silverstone sobre o processo de domesticação enquanto conceito. De acordo com o autor a tecnologia sempre esteve presente na evolução humana. Silverstone aponta que a tecnologia está presente no cotidiano das civilizações “[...] há mais tempo do que nos Estudos dos Media”⁷, que em diferentes momentos da civilização humana a tecnologia emergiu e fez com houvesse diferentes *modus operandi*. Nesta perspectiva, Silverstone aponta, ainda, que fica mais evidente tratar desse assunto, com os avanços proporcionados pelas tecnologias de informação e comunicação tão evidentes na “mais complexa e fluida sociedade global da modernidade tardia”⁸. Indo além, afirma que a domesticação é uma ação prática, que envolve as pessoas, e ao mesmo tempo

requer esforço e cultura e por onde passa não deixa nada como está. Talvez exista um erro subjacente nesta formulação: a impressão de que, de certa maneira, apenas a tecnologia foi transformada na sua apropriação pelo espaço doméstico, e de que um tal processo não foi complicado, mas sim linear e sem as suas próprias contradições.⁹

Dessa forma, podemos pontuar que as primeiras conquistas que o sujeito possui com relação ao processo de literacia são realizadas a partir da mediação familiar, ou seja, na esfera privada. Tais práticas variam de acordo com uma série de fatores sociais, culturais e

⁶ HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução: Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003

⁷ SILVERSTONE, Roger. Domesticação e domesticação. Reflexões sobre a vida de um conceito (revisto). *Revista Media & Jornalismo*. Domesticações na Era dos Self Media. N.16, Vol.9, N.1 - Primavera/Verão 2010. p:1-20.

⁸ *Op.cit.* *idem.* *Ibidem* 7.

⁹ *Op.cit.* *idem.* *Ibidem* 7.



econômicos. Neste deslocamento temporal, de gerações e práticas, Silverstone acredita que a internet colaborou com a ruptura do universo familiar, como percebido em décadas anteriores. O surgimento de mídias individuais e portáteis permitiu que os universos domésticos se tornassem mais complexos e individuais. A cultura televisiva, antes coletiva em uma sala de estar, na atualidade pode envolver essa prática ou ser individual e acionada a partir de um smartphone conectado à internet em qualquer lugar do país ou do mundo. Tais elementos podem constituir um processo ainda maior, no qual se faz necessário compreender as práticas a partir das leituras que os sujeitos realizam, não somente da mídia tradicional, mas também das informações e da internet. Sendo assim, é necessário compreender o conceito de literacia, para posteriormente refletir sobre os riscos no ambiente digital, em especial na internet.

2 METODOLOGIA

Este texto tem como principal objetivo refletir as competências a partir do conceito de literacia. Para tanto, utilizaremos como proposta metodológica a pesquisa bibliográfica. Esse artigo tem como objetivo realizar uma investigação exploratória. De acordo com Antonio Carlos Gil, uma pesquisa com essa finalidade visa uma aproximação do investigador com campo a ser investigado¹⁰. Conforme o próprio autor, a pesquisa bibliográfica se define por ser uma busca científica referenciada a partir de obras, artigos científicos e livros, que apresentem a construção inicial de uma investigação a partir do tema já investigado¹¹. Centralizando a ideia de pesquisa bibliográfica para as ciências da comunicação e informação, levamos em consideração a compreensão de Ida Stumpf¹², onde a pesquisa bibliográfica pode ser observada a partir de dois sentidos, o amplo e o restrito. O primeiro diz respeito ao "planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto [...]"¹³. Já no sentido estrito corresponde ao "conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar documentos pertinentes ao tema

¹⁰ GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002

¹¹

¹² STUMPF, Ida Regina. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005, p. 51-61.

¹³ STUMPF, Ida Regina. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005, p. 51



estudado e proceder à respectiva anotação [...] para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico”¹⁴. Nesta perspectiva, a autora informa que este tipo de pesquisa geralmente é a primeira a ser executada em pesquisas empíricas e pode receber outros nomes como “referencial teórico, revisão de literatura ou similar”¹⁵.

Nossa ressalva sobre a pesquisa bibliográfica neste momento, diz respeito a apropriação do termo e do conceito de literacia em pesquisas brasileiras, sobretudo as investigações que buscam refletir as competências e necessidades de adaptações das habilidades essenciais para uma dinâmica sociocultural que teve início com o consumo midiático e está em processo de expansão com o consumo, produção e circulação de informação na internet.

Sabendo das diferentes competências adquiridas pelos sujeitos ao longo do seu desenvolvimento, iremos realizar uma distinção entre as literacias que juntas são potencializadoras das construções na sociedade em rede: a literacia informacional, a literacia midiática e a literacia digital. Ao compreendermos as diferenças de cada uma delas e suas intersecções poderemos tensionar as elaborações sociais realizadas pelas juventudes no contexto das redes sociais digitais e quais os principais riscos enfrentados por esses na atualidade.

3 (IN)FORMAÇÃO: AS LITERACIAS NA SOCIEDADE EM REDE

O termo literacia foi amplamente difundido no Brasil como alfabetização. No entanto, a partir da construção e relativização dos estudos desenvolvidos a partir da compreensão das competências as quais os sujeitos aprendem ao longo de suas trajetórias de vida, o termo vem recebendo novos contornos conceituais. Nesta perspectiva, há uma oxigenação e aprofundamento da ideia sobre literacia desenvolvido por David Olson¹⁶. Para este autor, a literacia compreende a incorporação da leitura e da escrita no desenvolvimento pleno do sujeito na sociedade. Lígia Capobianco¹⁷ em sua busca pela

¹⁴ STUMPF, Ida Regina. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005, p. 51.

¹⁵ STUMPF, Ida Regina. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005, p. 51.

¹⁶ OLSON, David. Literacy. In: WILSON, Robert; KEIL, Frank (ed). *The Mit Encyclopedia of the cognitive sciences*. The MIT Press, 1999. p.481-482.

¹⁷ CAPOBIANCO, Lígia. Comunicação e Literacia Digital na Internet: estudo etnográfico e análise exploratória de dados do programa de inclusão digital ACESSA-SP - PONLINE. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Escola de Comunicação e Artes da Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2010.



compreensão do conceito adotado de literacia no Brasil observa que “o conceito de letramento bem como o de literacia sempre esteve ligado ao conceito de alfabetização. Os pesquisadores consideram os conceitos de letramento, alfabetização e literacia como diferentes entre si, porém relacionados”¹⁸. A pesquisadora ainda evidencia que o desenvolvimento das competências relacionadas com as literacias “[...] podem ser ensinadas e desenvolvidas pela pessoa de acordo com as disposições internas pessoais ou exigências externas suficientes motivadoras”.¹⁹

Nesta perspectiva, com o desenvolvimento sociocultural das sociedades, as competências construídas pelos agentes estão relacionadas aos diferentes campos²⁰, *habitus*²¹ e capitais²² conforme tensiona as ideias propostas por Bourdieu²³. Sendo assim, é importante compreendermos as dinâmicas empregadas na sociedade a partir da literacia para tensionarmos com os campos ocupados pelas juventudes no final da segunda década deste século. Acreditamos assim, as literacias aqui apresentadas são convergentes entre si e acumulativas, em outras palavras, são necessárias as diferentes literacias para que os sujeitos desenvolvam suas relações consigo, com o outro e com a sociedade como um todo.

3.1 Literacia informacional

De acordo com Alice Lee e Clement So²⁴ o século XXI trouxe com ele uma mudança acelerada das sociedades, sendo que muitas delas estão no processo de transformação de uma sociedade industrial para uma sociedade do conhecimento. Nesta perspectiva, em

¹⁸ CAPOBIANCO, Lígia. Comunicação e Literacia Digital na Internet: estudo etnográfico e análise exploratória de dados do programa de inclusão digital ACESSA-SP - PONLINE. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Escola de Comunicação e Artes da Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2010. P. 84

¹⁹ CAPOBIANCO, Lígia. Comunicação e Literacia Digital na Internet: estudo etnográfico e análise exploratória de dados do programa de inclusão digital ACESSA-SP - PONLINE. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Escola de Comunicação e Artes da Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2010. P.126

²⁰ O campo para Bourdieu pode ser compreendido como um microcosmo dentro de um macrocosmo constituído pelos espaços social global. Sendo que cada campo possui regras distintas e construções específicas. Em outras palavras, os campos (científico, político, cultural, econômico, entre outros) operam como espaços de lutas que os agentes competem entre si para manter seu campo em evidencia. Sendo assim, cada campo possui um *habitus* decorrente de suas incorporações e prática.

²¹ O *habitus* é um “sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (BOURDIEU, 2007, p. 191).

²² Para Bourdieu a noção de capital está para além do acúmulo de bens e riquezas materiais. Para tanto, existem diferentes capitais tais como o “capital cultural” referente ao acúmulo de saberes e conhecimentos relacionados aos títulos acadêmicos; “capital social” referente as relações sociais (networking); “capital econômico” referente ao cumulo de bens, salário e outros proventos financeiros;

²³ BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. 2 Ed. Porto Alegre: Zouk, 2011.

²⁴ LEE, Alice. Y.L.; SO, Clement Y.K. Alfabetización mediática y algabetización informacional: similitudes y diferencias. *Comunicar*, nº 42, v XXI, 2014. p: 137-146



uma sociedade da informação os sujeitos devem saber lidar e ao mesmo tempo compreender as práticas que estão relacionadas a competência informacional. Neste estudo, os autores referenciam que a literacia informacional e a literacia midiática são concebidas como aliadas, porém, com campos de formação e produção distintos. Sendo que, “alfabetização informacional tem uma relação mais próxima com a biblioteconomia, a alfabetização midiática está mais conectada ao conteúdo mídia, a indústria de mídia e os efeitos sociais que causam”²⁵. Nesta perspectiva, a UNESCO apresenta as competências necessárias para que os sujeitos tenham competências relativas a literacia informacional, sendo expressa da seguinte forma:

- 1) reconhecer suas necessidades de informação; 2) localizar e avaliar a qualidade da informação; 3) armazenar e recuperar informações; 4) fazer uso efetivo e ético da informação; 5) Aplicar as informações para a criação e transmissão de conhecimento.²⁶

Desta forma, acredita-se que a existência do domínio destas práticas relacionadas a à literacia informacional, os sujeitos tenham capacidades técnicas para compreender, assimilar, desenvolver informações para a construção de seu conhecimento e tensionar com a sua prática cotidiana.

3.2 Literacia midiática

A literacia midiática pode ser compreendida como um “conjunto de habilidades que promove o engajamento crítico com mensagens produzidas pela mídia” (BULGER e DAVISON, 2018, p.7). Indo além, os autores apresentam o conceito de literacia midiática proposta pela associação norte-americana, *National Association for Media Literacy Education* (NAMLE)²⁷, definindo-a como “a capacidade para acessar, analisar, avaliar, criar e agir usando todas as formas de comunicação”²⁸.

Nesse contexto, podemos compreender que os processos ligados a literacia midiática têm como principais anseios instrumentalizar os sujeitos para que saibam compreender e analisar as produções realizada pelas diferentes mídias. Sendo assim, é

²⁵ *Op.cit. idem. ibidem*

²⁶ LEE, Alice. Y.L.; SO, Clement Y.K. Alfabetización mediática y alfabetización informacional: similitudes y diferencias. *Comunicar*, nº 42, v XXI, 2014. p: 137-146

²⁷ Outras informações sobre a associação podem ser adquiridas no site: < <https://namle.net/>>

²⁸ BULGER, Monica; DAVISON, Patrick. *The Promises, Challenges, and Futures of Media Literacy*. Data & Society Research Institute, February, 2018.



possível uma aproximação de um dos pilares desenvolvidos pela educomunicação²⁹, processo no qual o sujeito educ comunicativo compreende as lógicas de produção midiática e é capaz de produzir suas práticas relações com o local do qual pertence.

3.3 Literacia digital

Desenvolver um conceito de literacia digital em uma sociedade em rede não é uma tarefa fácil. Neste quesito, podemos pensar inicialmente o conceito proposto por Paul Gilster³⁰ de literacia digital. Na perspectiva, adotada por Gilster a literacia pode ser compreendida como uma “extensão lógica da própria literacia, da mesma forma que o hipertexto é uma extensão da experiência da leitura tradicional”³¹.

Nos primórdios dos usos da internet Gilster não chega a listar competências em sua obra, apenas desenvolveu um conceito amplo que pudesse abarcar algumas noções importantes desta nova forma de consumir, produzir e compartilhar conhecimento, sendo “como uma capacidade de entender e usar informações de uma variedade de fontes e considerou-a simplesmente como alfabetização na era digital”³². Diante das transformações na própria internet desde a concepção de Gilster sobre literacia digital até os momentos atuais de Web 3.0³³, na qual o sujeito consome, cria e compartilha conteúdo digital. É necessário pensar as práticas desses sujeitos e pensar as competências que este aciona para as diferentes etapas para a incorporação do processo em seu cotidiano.

Indo além, David Bawden³⁴ levando em consideração a utilização equivocada da terminologia leva a ruídos interpretativos. Nesta perspectiva, o autor pondera que “há uma inconsistência particular entre aqueles que consideram a alfabetização digital como

²⁹ “A Educomunicação é entendida pela Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom) como um paradigma orientador de práticas sócio-educativo-comunicacionais que têm como meta a criação e fortalecimento de ecossistemas comunicativos abertos e democráticos nos espaços educativos, mediante a gestão compartilhada e solidária dos recursos da comunicação, suas linguagens e tecnologias, levando ao fortalecimento do protagonismo dos sujeitos sociais e ao consequente exercício prático do direito universal à expressão”(SOARES, online, não paginado).

³⁰ GILSTER, Paul. **Digital Literacy**. San Francisco, CA: John Willey & Sons, 1997.

³¹ GILSTER, Paul. **Digital Literacy**. San Francisco, CA: John Willey & Sons, 1997.

³² BAWDEN, David. Origins and concepts of Digital Literacy. In: LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. (Org.). *Digital literacies: concepts, policies and practices*. New York/ Washington, D.C/Baltimore, Bern/ Frankfurt/ Berlin/ Brussels/ Vienna: Peter Lang, 2008. p. 17-32.

³³ Apesar da existência de um conceito de Web 4.0 ainda não há uma incorporação cotidiano do próprio uso e apropriação do mesmo. A próxima geração da internet está relacionada a “Internet das Coisas” e com isso há uma interligação de processos e construções no cotidiano dos sujeitos aptos tanto a partir do capital cultural, social e econômico que permitirão que o usuário tenha conhecimento para utilização, tenha uma conexão social que permita troca de experiência para tanto e dinheiro para manter tal tecnologia ativa para seu proveito.

³⁴ *Op.cit. idem. ibidem*



primariamente voltada para habilidades técnicas e para aqueles que o veja como focado em aspectos cognitivos e socioemocionais de trabalhar em um ambiente digital”³⁵. Para Bawden a literacia digital leva em consideração as demais literacias e seus conjuntos de habilidades, embora o sujeito não precise abranger todos eles. Ademais, o investigador acredita que:

Tampouco é sensato sugerir que um modelo específico de alfabetização digital seja apropriado para todas as pessoas ou, na verdade, para uma pessoa durante toda a sua vida. A atualização do entendimento e da competência será necessária, à medida que as circunstâncias individuais mudam, e as mudanças no ambiente de informação digital trazem a necessidade de novos entendimentos e novas competências.³⁶

Por este ângulo, compreendemos que as competências desenvolvidas a partir da literacia digital devem ser constantemente acionadas e apreendidas pelos sujeitos na sociedade em rede. Esta lógica, soma-se à ideia de que as dinâmicas de leitura e compreensão da literacia digital, informacional e midiática são fluídas e são constantemente ressignificadas e reordenadas pelos seus praticantes.

4 JUVENTUDES E RISCOS NA INTERNET

Compreendemos as juventudes a partir de suas pluralidades, construídas com base em elaborações interacionais a partir de um espaço sociocultural na qual as sociedades contemporâneas estão instauradas. No entanto, apresentamos duas questões para compreender as juventudes no contexto brasileiro: a jurídica e a sociológica.

A primeira delas diz respeito a construção da juventude amparado na lei que institui o Estatuto da Juventude em nosso país. De uma forma a abarcar todas as necessidades legais do processo de desenvolvimento do sujeito, o Estatuto da Juventude vai ao encontro de outros instrumentos legislativos globais que amparam o sujeito jovem como sendo “as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade”³⁷. Indo além, o este Estatuto soma-se ao Estatuto da Criança e do Adolescente que rege

³⁵ *Op.cit. idem. ibidem*

³⁶ *Op.cit. idem. ibidem*

³⁷ BRASIL. Lei Nº 12.852 de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. In: *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 06 ago. 2013.



também os direitos dos sujeitos compreendidos também na faixa etária abarcada entre os 15 e 18 anos incompletos. Nesta perspectiva, o Estatuto da Juventude fortalece os direitos necessários para que os sujeitos compreendidos nesta categoria social sejam protagonistas sociais reconhecendo que são sujeitos de “direitos universais, geracionais e singulares”³⁸, promovendo a discussão e a manutenção das demarcações socioculturais de cada sujeito em seu gozo pleno enquanto cidadão brasileiro.

A perspectiva do jovem também pode ser compreendida de uma categoria sociológica. Pierre Bourdieu³⁹ desenvolve um raciocínio apresentando as questões etárias e a necessidade de realizarmos relativizações acerca das juventudes, não como uma categoria social homogênea, mas respeitando as particularidades do indivíduo e das construções socioculturais. A construção etária para Bourdieu vai ao encontro de outros campos sociais e de formas de compreensão do que é o envelhecimento. Nas palavras do autor, são “As classificações por idade (mas também por sexo, ou, é claro, por classe...) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar”⁴⁰. Neste contraponto, há a necessidade de relativização, conforme o próprio autor, há um imaginário social que circunda as relações do social com a juventude que auxiliam na construção do *habitus* e também a de campo e suas relações com outros domínios da sociedade. Para tensionar a perspectiva de uma pluralidade da juventude Bourdieu descreve sobre as juventudes, ou como o próprio autor aponta “as duas juventudes”, levando em consideração de forma ampla que as “condições de vida dos sujeitos, a inserção no mercado de trabalho, o orçamento de tempo”⁴¹ auxiliam e dão contorno as diferentes juventudes. Se levarmos em consideração tais premissas mencionadas pelo autor, em uma perspectiva brasileira, há uma construção da juventude de classe social mais abastarda, na qual o jovem possui condições, a partir de uma estrutura familiar, de focar nos estudos (construção do capital cultural) e ter a possibilidade construir suas relações sociais em diferentes ambientes (construção de um capital social). Em detrimento, há também jovens que necessitam largar os estudos para se inserir no mercado de trabalho, na maioria das vezes, auxiliando na subsistência do núcleo familiar. Com a inserção no mercado de trabalho, esse sujeito,

³⁸ *Op.cit. idem. ibidem*

³⁹ BOURDIEU, Pierre. A “Juventude” é apenas uma palavra. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

⁴⁰ *Op.cit. idem. ibidem*

⁴¹ *Op.cit. idem. ibidem*



na maioria das vezes, ocupa uma posição inferior a de alguém que possui o nível básico ou médio de ensino. Desta forma, as necessidades e contextos devem ser firmados e construídos a partir da necessidade de problematizar qual juventude está sendo contemplada, a partir de suas pluralidades: gênero, raça, etnia, classe social, capital cultural, capital social, entre outros, afim de contemplar a forma que esse sujeito lê e interpreta o mundo, ou como disserta Bourdieu⁴²

[...] condições diferentes de existência produzem habitus diferentes, sistemas de esquemas suscetíveis de serem aplicados, por mais simples transferência, às mais diferentes áreas da prática, as práticas engendradas pelos diferentes habitus apresentam-se como configurações sistemáticas de propriedades que exprimem as diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência sob a forma de sistemas de distâncias diferentes, *percebidos* por agentes dotados dos esquemas de percepção e de apreciação necessários para identificar, interpretar e avaliar seus traços pertinentes funcionam como estilo de vida.⁴³

Consumo de Internet e riscos

Como mencionado anteriormente, o consumo da internet no Brasil cresceu nos últimos anos. Dados da PNAD/ TIC desenvolvida pelo IBGE apontam que número de brasileiros conectado à internet aumentou sendo o “percentual de domicílios que utilizavam a Internet subiu de 69,3% para 74,9%, de 2016 para 2017, representando uma alta de 5,6 pontos percentuais”⁴⁴. Os dados expressos pela mesma pesquisa apresentam que o principal meio de conexão do brasileiro é o telefone celular. Este último dado, pode ser refletido sobre a perspectiva da ausência da banda larga em determinadas regiões do país, sendo a conexão de banda larga móvel a única forma de acesso, ou então, a mais acessível aos usuários. Quando se trata de faixa etária de consumidor, os subscritos no grupo de 20 e 24 anos compreendem 88,4% dos consumidores brasileiros. Outro dado importante constatado pela pesquisa é motivo pelo qual os sujeitos utilizam à internet. Grande parcela desses sujeitos utiliza a internet para manter a comunicação com outro sujeito ou grupo, sendo a prática de “enviar ou receber mensagens de texto, voz ou

⁴² BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2 Ed. Porto Alegre: Zouk, 2011.

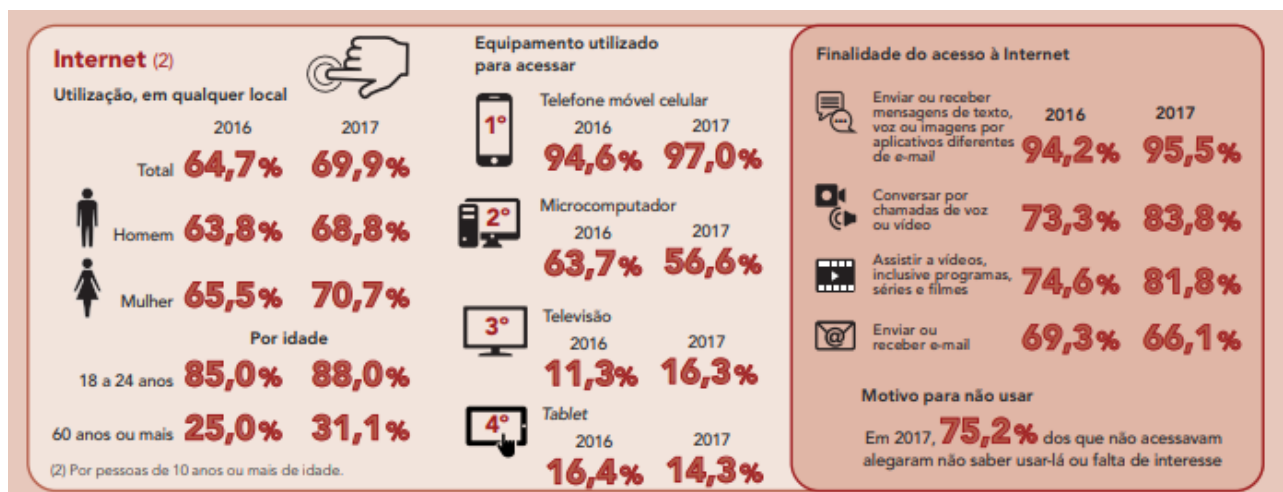
⁴³ BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2 Ed. Porto Alegre: Zouk, 2011.p.164

⁴⁴ BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua** - Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2016 (PNAD TIC), Rio de Janeiro: IBGE, 2018.



imagens por aplicativos diferentes do e-mail”⁴⁵ o principal uso da internet entre os brasileiros no período da pesquisa.

Figura 1 Dados Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2017



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016/2017.

Levando em consideração a pesquisa acima mencionada, podemos compreender o público brasileiro, em especial o jovem, sendo “uma geração conectada, multitarefa, pronta para lidar com a agilidade e superar fronteiras entre o lúdico e o conhecimento”⁴⁶. Ao saber do consumo de internet pelos jovens, carece fomentar a discussão acerca dos riscos a partir da perspectiva de crimes virtuais, roubo de dados, falsos boletos, fake News, bem como das violências contra os diferentes segmentos da sociedade.

Levamos em consideração algumas violências apresentadas no aplicativo “Proteja Brasil” e pela SaferNet Brasil⁴⁷. Nesta perspectiva, podemos considerar a internet um ambiente hostil independentemente da idade do sujeito que a domestica.

De acordo com Romulo Tondo e Camila Pereira o aplicativo Projeta Brasil caracteriza-se por ser uma “tecnologia político-social (que) tem como objetivo auxiliar na denúncia para o enfrentamento das violências contra as crianças e os adolescentes nas

⁴⁵ *Op.cit. idem. ibidem*

⁴⁶ PASSARELLI, Brasilina; JUNQUEIRA, Antonio Helio; ANGELUCI, Alan César Belo. Os nativos digitais no Brasil e seus comportamentos diante das telas. *Matrizes*, São Paulo. v. 8. n.1. jan-jun, 2014. p. 159-178.

⁴⁷ A SaferNet Brasil é uma associação civil de direito privado, com atuação nacional, sem fins lucrativos ou econômicos, sem vinculação político partidária, religiosa ou racial. Fundada em 20 de dezembro de 2005, com foco na promoção e defesa dos Direitos Humanos na Internet no Brasil. Dados retirados da página Institucional <<https://new.safernet.org.br/content/institucional>>



principais cidades brasileiras”⁴⁸. Em sua primeira versão o aplicativo apresentava em sua composição original as principais violências contra crianças e adolescentes, podendo-se efetuar a denúncia através do próprio aplicativo. Com a evolução da tecnologia, o próprio aplicativo careceu de uma atualização. Na atualidade, o aplicativo apresenta denúncia de diferentes tipificações de violência com outras minorias sociais (mulheres, idosos, negros, moradores de rua, comunidade LGBT) e conta com um sistema integrado ao Disque 100, ligado ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.

No site da SaferNet é apresentado ao usuário uma série de materiais relacionados a cinco eixos principais: os crimes virtuais, a segurança digital, comportamento online, liberdade de expressão e privacidade. Acreditamos que todos os eixos contemplados pela associação são de extrema importância na construção da literacia digital pelos sujeitos-usuários. No entanto, elencamos apenas o comportamento online como forma de explorar alguns dos principais riscos dos usuários jovens na ambiência digital. Entre as pautas presentes nesta sessão do site estão: o *sexting*⁴⁹, o *cyberbullying*⁵⁰, o *stalking*⁵¹, o uso excessivo, o controle parental, a *selfie*, a pornografia de revanche⁵² e outros. Como descrito por Alex Primo e outras investigadoras, o comportamento dos jovens no ambiente virtual na atualidade tende a ser fluído, proporcionando ao sujeito o que os autores chamam de “comunicação fluída”⁵³. Este tipo de comunicação faz com que os sujeitos-usuários realizem múltiplas funções ao mesmo tempo. Nesta perspectiva, aumentando o risco, construindo rastros digitais passíveis ou não de roubo de informações.

⁴⁸ TONDO, Romulo; PEREIRA, Camila. “Proteja Brasil”: apropriações da tecnologia móvel no enfrentamento as violências contra crianças e adolescentes In: MACHADO, Vitor Baletta; SILVA, Sandra Rubia; MAIA, Alessandra. **Comunicação e Mídias Digitais: uma perspectiva histórica e contemporânea**. Volta Redonda: FOA, 2015. p: 151-164.

⁴⁹ Sexting é a expressão norte-americana que aglutina as palavras Sex (sexo) text (texto), dando a construção do sexo virtual, a partir da troca de mensagens, imagens e ou até mesmo vídeo.

⁵⁰ *Cyberbullying* é uma expressão utilizada para caracterizar um tipo de assédio na internet. Geralmente, ocorre de forma repetitiva por um ou mais agressores e possui um agredido. O bullying, muitas vezes, é relacionado com o ambiente educacional, porém, frequentemente pode ser observado em outros ambientes, inclusive no mercado de trabalho.

⁵¹ Termo para designar quando alguma pessoa ou grupo invade a esfera privada de um sujeito, incluindo redes sociais, perseguindo, ameaçando ou até outros tipos de violência. O sujeito que pratica este tipo de comportamento utiliza-se de diferentes métodos (mensagens de texto, telefonemas, e-mails anônimos) para ameaçar e coibir a pessoa.

⁵² Pornografia de revanche ou pornografia de vingança está, muitas vezes, mas não unicamente, atrelado ao *sexting* e ou *sex tape* (gravação do ato sexual). Este tipo de violência acaba sendo mais recorrente entre as mulheres após o término de um relacionamento, quando o sujeito a ameaça e ou compartilha imagens, mensagens de texto, vídeos íntimos da pessoa.

⁵³ PRIMO, Alex e outros. Conversações fluídas na cibercultura. Rev Famecos. Porto Alegre, v. 24, n. 1, jan/abr de 2017. p.1-27.



Nesta lógica, o comportamento digital do jovem pode ser investigado a partir dos riscos e a grande onda de notícias que envolve esses sujeitos especialmente relacionados a esses temas listados acima. À vista disso, é necessário que os jovens tenham um conhecimento sobre essas práticas e dos riscos que o seu comportamento e de outros sujeitos podem implicar em suas rotinas. Aliado à domesticação de aplicativos e outros gadgets, os jovens desenvolvem suas práticas no hoje, mirando no futuro. Esse futuro, no digital, ainda em constante evolução pode potencializar suas relações com o outro, mas também causar isolamento por mal-uso da internet. Nesse processo os diferentes atores sociais, nos diferentes campos, que esses sujeitos circulam, devendo promover um diálogo não como forma de coibir as práticas, bem como normalizar as formas de existir desse sujeito na internet. O que deve ser feito é torná-los literatos, sendo capazes de ler, escrever e interpretar suas práticas nos diferentes ambientes digitais.

CONCLUSÃO

Ao longo das últimas décadas percebemos que a introdução das tecnologias na vida dos sujeitos fez com suas competências tivessem de adaptar-se ao processo de digitalização da vida. Este processo fez com que as competências adquiridas em outros momentos fossem sobrepostas e com isso o sujeito pudessem a incorporar das diferentes competências no seu cotidiano. A partir da discussão teórica sobre as diferentes literacias pudemos perceber que as competências necessárias ao literato digital são construídas a partir das demais formas de literacia, não descartando, mas sim assimilando e acionando tais competências conforme a necessidade de cada sujeito. A esta lógica, soma-se a ideia de que as dinâmicas de leitura e compreensão da literacia digital, informacional e midiática são fluídas e são constantemente ressignificadas e reordenadas pelos seus praticantes.

A juventude enquanto faixa etária, como prevista no Estatuto da Juventude, serve como fomento inicial desta etapa da vida. Torna-se mais frutífero aos estudos da Comunicação e demais áreas pensar a partir de uma perspectiva proposta por Bourdieu (1983), tensionando elementos que dizem respeito ao cotidiano desses sujeitos, as suas construções sociais e suas lutas diárias. Quando tencionamos a posição deste sujeito diante de um outro, em especial de classes sociais distintas, devemos ponderar suas práticas



sociais a partir da sua visão de mundo. Nesta perspectiva, as noções de habitus, campo e capital são importantes na construção desta visão de mundo.

No que tange aos riscos da internet para os jovens há uma necessidade de compreender suas dinâmicas a partir de suas rotinas, bem como os níveis de incorporação da tecnologia em seu cotidiano. Tendo em vista que nem todos os sujeitos realizam as mesmas tarefas ou incorporam a internet da mesma forma. Desta forma, abre-se para elementos cruciais para futuros trabalhos. Que tipo de competências esses jovens necessitam para lidar com esses riscos que surgem com as diferentes tecnologias? Em quais ambientes essas competências são aprendidas? De que modo e quando são acionadas essas competências?

REFERÊNCIAS

BAWDEN, David. Origins and concepts of Digital Literacy. In: LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. (Org.). **Digital literacies: concepts, policies and practices**. New York/ Washington, D.C/Baltimore, Bern/ Frankfurt/ Berlin/ Brussels/ Vienna: Peter Lang, 2008. p. 17-32.

BOURDIEU, Pierre. A "Juventude" é apenas uma palavra. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

Bourdieu, Pierre. (2007). **A economia das trocas simbólicas**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2 Ed. Porto Alegre: Zouk, 2011.

BULGER, Monica; DAVISON, Patrick. **The Promises, Challenges, and Futures of Media Literacy**. Data & Society Research Institute, February, 2018.

BRASIL. Lei Nº 12.852 de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. In: **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 06 ago. 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm> Acesso em: 02 jun. 2019.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua** - Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2016 (PNAD TIC), Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

CAPOBIANCO, Lígia. **Comunicação e Literacia Digital na Internet: estudo etnográfico e análise exploratória de dados do programa de inclusão digital ACESSA-SP - PONLINE**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Escola de Comunicação e Artes da Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Trad.: Roneide Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.



HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução: Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

LEE, Alice. Y.L.; SO, Clement Y.K. Alfabetización mediática y algabetización informacional: similitudes y diferencias. **Comunicar**, nº 42, v XXI, 2014. p: 137-146

OLSON, David. Literacy. In: WILSON, Robert; KEIL, Frank (ed). **The Mit Encyclopedia of the cognitive sciences**. The MIT Press, 1999. p.481-482.

PASSARELLI, Brasilina; JUNQUEIRA, Antonio Helio; ANGELUCI, Alan César Belo. Os nativos digitais no Brasil e seus comportamentos diante das telas. **Matrizes**, São Paulo. v. 8. n.1. jan-jun, 2014. p. 159-178.

PRIMO, Alex e outros. Conversações fluidas na cibercultura. **Rev Famecos**. Porto Alegre, v. 24, n. 1, jan/abr de 2017. p.1-27.

SILVERSTONE, Roger. Domesticando a domesticação. Reflexões sobre a vida de um conceito (revisto). **Revista Media & Jornalismo**. Domesticações na Era dos Self Media. N.16, Vol.9, N.1 - Primavera/Verão 2010. p:1-20.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Conceito**. Conceito de educomunicação na página da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação. Disponível para acesso em: < <http://www.abpeducom.org.br/educum/conceito/>> Acesso em: 01. Jul. 2019.

TONDO, Romulo; PEREIRA, Camila. "Proteja Brasil": apropriações da tecnologia móvel no enfrentamento as violências contra crianças e adolescentes In: MACHADO, Vitor Baletta; SILVA, Sandra Rubia; MAIA, Alessandra. **Comunicação e Mídias Digitais**: uma perspectiva histórica e contemporânea. Volta Redonda: FOA, 2015. p: 151-164.